

(capa)

CÍCERO FERREIRA DOS SANTOS

BARRAGEM DE ACAUÃ

AROEIRAS - ITATUBA - NATUBA /PB



1ª EDIÇÃO - DEZEMBRO DE 2021

(contra capa)

APRESENTAÇÃO

A literatura de cordel, trazida pelos portugueses, teve amplo desenvolvimento no Nordeste brasileiro e ainda hoje é muito valorizada.

A linguagem do cordel é muito apreciada por todas as pessoas. Um dos assuntos dos cordéis sempre foi o cotidiano difícil do povo nordestino.

Este fato torna muito relevante contar a história da luta dos atingidos pela barragem de Acauã através deste veículo.

E, aqui duas ideias que se encontram e se fortalecem: a literatura de cordel e o movimento social dos atingidos pela barragem de Acauã.

A construção da barragem de Acauã acarretou problemas graves para a população por ela atingida. Por esta razão, a população passou a se organizar para tentar recuperar os prejuízos de que foram vítimas e dignificar as suas condições de vida.

A criação deste cordel se deu através de um processo coletivo envolvendo moradores das várias comunidades atingidas, além de pessoas que já nem moram mais na região. E, está pincelado de elementos representativos da cultura local.

É muito importante para as pessoas que lutam por melhores condições de vida ter a narrativa de sua história retratada no cordel, o que é um privilégio. Também é muito significativo colocar a literatura de cordel como veículo da organização popular.

Um dos objetivos desta 1ª edição, e de futuras publicações, é que a distribuição se dê de forma bastante ampla. Cada família atingida deverá receber um exemplar; haverá entrega dos mesmos na rede escolar das comunidades dos três municípios da área da barragem: Aroeiras, Itatuba e Natuba. Também haverá entrega para os diversos apoiadores do movimento dos atingidos e para as autoridades dos três níveis de poder.

Fernando Garcia de Oliveira (UFCEG)
Oswaldo Bernardo da Silva (MAB)

LITERATURA DE CORDEL

A BARRAGEM DE ACAUÃ

Cícero Ferreira dos Santos

Peço ao Deus Soberano
Fazei minha mente sã
Para escrever um cordel
Que será lido amanhã
E que em nenhum momento
Fique no esquecimento
O povo de Acauã.

As histórias de um cordel
Marca para a vida inteira
Quando ela é bem contada
Até mesmo em brincadeira
Deixa o leitor encantado
O autor mais respeitado
Se a história é verdadeira.

Na história de Acauã
Tem muito para se contar
Mas a questão da barragem
É o que vamos focar
Porque ela no momento
Foi o maior sofrimento
Para o povo do lugar.

Página 02

Será real a história
Escrita neste cordel
Peço a todo morador
Que anotem num papel
O mal que eles sofreram
E as coisas que perderam
Com a barragem cruel.

Se falar em expulsão
Das terras de Acauã
É repetir a história
Assim me falou Nanã
Fagundes sempre viveram
Sendo expulsos e não venceram
Aquela invasão malsã.

E também os Tabajaras
Vindo lá do São Francisco
De onde foram expulsos
Eu digo sem nenhum risco
Por essa corruptora
Portuguesa invasora
Apossando-se até de cisco.

Esse povo foi à luta
Com tática e resistência
Serviço lento e mal feito
Esgotando a paciência
Fugiram, então, para a mata
Numa fuga imediata
Da escravidão sem clemência.

Página 03

Outra ação que figurou
Foi a miscigenação
Deixar que os europeus
Vencessem essa nação
Apenas em pensamento
Pois rios e alimentos
Nossos nomes ganharão.

Desorganizado o povo
Nenhum direito sabia
O latifúndio mandava
Casebre era moradia
Era cambão e mais nada
Não tinha fim a jornada
Nenhum tostão recebia.

O agente dominador
Agiu sobre um povo infantil
Pisoteando suas histórias
Pela ação agropastoril
Deixando fora os nativos
Que são patrimônios vivos
Da História do Brasil.

E aqueles que gritavam
Contra essa construção
Era tido alienado
Andando na contramão
O progresso vai chegar
Desabem desse lugar
Ou bala é a solução.

Página 04

Temas que livros não contam
Posso citar outros tais
Que não me sai da memória
Capatazes desleais
Que omitiu proeza
Para um povo de grandeza
Outra Acauã nunca mais.

Em nosso belo lugar
O viver era completo
Eu brincava sem temor
Olhando esse céu aberto
Sinto saudade bastante
Fico lhe olhando distante
Porque não posso estar perto.

Relato de uma senhora
Dona Maria das Dores
Falando de Pedro Velho
Que era um jardim em flores
A barragem fez mistério
Cobriu até cemitério
E expulsou os moradores.

Meu lugar era um encanto
Para qualquer criatura
Havia peixes no rio
Para todos com fartura
Era festa o ano inteiro
Até em um formigueiro
Para pegar tanajura.

Página 05

Todo o povo se alegrava
Com a primeira chuarada
Água descendo no rio
Fazendo muita zuada
Era só felicidade
Em cada comunidade
Porque não faltava nada.

Para uma pescaria
Eu o quero convidar
Lá em nosso Cafundó
Veja o que deve levar
Tarrafa, anzol, jereré
Leve também a mulher
Para mais pitu pegar.

Naquele tempo gostoso
Não havia celular
Nossa comunicação
Fico feliz em lembrar
O chamado era um apito
Ou então aquele grito
Chamando para almoçar.

Comunidade ordeira
Feliz da vida cantava
Olhando aquela água
Que pelo rio passava
Vizinhos por todo lado
Cada um em seu roçado
Colhendo o que lucrava.

Página 06

Daquelas comunidades
Me dar prazer recordar
Ilha Grande e Pedro Velho
Melancia e o Cajá
Cafundó do lado seu
Água Paba ao lado meu
Saudades do meu lugar.

Não tem como não lembrar
Da minha terra brejeira
Onde plantava mandioca
Milho, fava e macaxeira
Banana, jaca e mamão
Manga, goiaba e melão
Abacate e laranjeira.

Estou aqui na cidade
Mas, minha origem é na roça
Meu trabalho era um roçado
O transporte uma carroça
E quando a noite chegava
Muito feliz eu estava
Repousando na palhoça.

Gosto muito de lembrar
As coisas de meu passado
Com meu pai e meus irmãos
Trabalhando no roçado
Com a camisa de malha
Um grande chapéu de palha
A enxada e um machado.

Página 07

Recordo a cajarana
Na casa do Senhor Báia
Onde havia forró
Com o Trio Rabo de Saia
Fazendo calor ou frio
Tomava banho de rio
Como se estivesse na praia.

As professoras queridas
Ceci, Francisca e Nininha
A parteira Dona Neves
Era quase uma rainha
E para todos os meus
Frei Chico, correio de Deus
Entregava uma cartinha.

Quem mora no Cafundó
Fala com afirmação
Que na Pedra do Caboclo
Aparece assombração
Por ter tesouro guardado
De habitantes do passado
Enterrado pelo chão.

Daquelas comunidades
Todos foram avisados
Que aqueles belos campos
Também seriam inundados
Sem ter para onde ir
Obrigaram-se a sair
E não foram reparados.

Página 08

Pedro Velho e Ilha Grande
Dois encantos de beleza
Água Paba e Melancia
Cantinhos da natureza
Mas veio essa barragem
Cruel, ingrata e selvagem
Para nos causar tristeza.

Nos braços de um lindo sonho
Retornei à mocidade
Mas, aquelas coisas boas
Sumiu com a modernidade
Senti meu rosto molhado
Com o pranto derramado
Por eu chorar de saudade.

Deixem as águas do rio
Seguir para o oceano
Porque suas correntezas
São obras do Soberano
Barragem é uma tristeza
Que destrói a natureza
E desabriga o ser humano.

Mas quando veio o zumbido
Que o governo do estado
la construir a barragem
Deixou o povo assustado
Sem saber o que fazer
Não tendo a quem recorrer
Com esse peso pesado.

Página 09

Em sonho eu visitei
O lugar onde nasci
Mas, aquelas coisas belas
Nenhuma delas eu vi
E quando eu despertei
Confesso que até chorei
Com a saudade que senti.

A história de Acauã
Sempre foi temeridades
Para pessoas simples
Em suas comunidades
Por causa de fazendeiro
Que se apega em dinheiro
Causando barbaridades.

Nas sete comunidades
Vivia um povo honrado
Que ganhava o seu sustento
Trabalhando no roçado
Mas, veio essa barragem
Destruiu a bela imagem
Deixando tudo inundado.

Essa barragem causou
Tristeza e temeridade
Quanto a um futuro incerto
Dos que migraram prá cidade
Sem nada saber fazer
Diferente do viver
Em sua localidade.

Página 10

Hoje quem passa por perto
Seja tarde ou manhã
Não vê aqueles roçados
Onde chamava a irmã
E daquela linda história
Resta em nossa memória
As águas de Acauã.

Com o povo em desespero
Todos desorganizados
Pelos poderes é fácil
De serem pisoteados
Grita o Padre no Sermão
Que as Pedras Clamarão
Em busca de resultados.

Foi esse o primeiro grito
Denunciando em favor
Que as pedras clamarão
Pelo um povo sofredor
Padre Rômulo deu o grito
E a carta com o título escrito
Foi para o governador.

O nosso rio tão belo
Acauã cruel cobriu
Até os restos mortais
Essa barragem engoliu
Sem ter nenhum sentimento
Da dor e do sofrimento
Que nosso povo sentiu.

Página 11

Naquelas comunidades
Havia respeito e zelo
Mas veio essa barragem
Para causar atropelo
Com o seu projeto novo
Deixando aquele povo
Em um grande desmantelo.

Então, chegou o momento
Daquele povo sair
Do seu lugar tão querido
Sem ter para onde ir
Vejo aquele momento
Como o maior sofrimento
Que alguém possa sentir.

Ninguém sabe onde ficou
Sua antiga moradia
Que a barragem cobriu
Com lama e água fria
Restam somente saudades
Daquelas comunidades
Que no lugar existia.

Aquele rio tão belo
A água lhe escondeu
E nossa comunidade
Também desapareceu
O tempo vai se passando
E a saudade aumentando
Aqui nesse peito meu.

Página 12

Mas quem confia em Deus
Será sempre abençoado
Estando em suas mãos
Não fica desamparado
Vamos deixar o lamento
E esperar pelo tempo
Que é nosso advogado.

Aqui eu faço um apelo
Cheio de grande emoção
Que em beira de estrada
Ou margem de ribeirão
Não queira se abrigar
Em nenhum desse lugar
Para não ter frustração.

Pelos braços de um sonho
Fui ao lugar onde nasci
Procurei as coisas boas
Que lá deixei e não vi
Ali mesmo eu acordei
Igual a criança chorei
Com a saudade que senti.

Quem conta a história aqui
É um sábio da enxada
Que mudou de profissão
Por ver a terra alagada
Queria que fosse um sonho
Mesmo com final tristonho
Mas, é verdade contada.

Página 13

Só assim tuas crianças
Com as demais correrão
Como rios em correntezas
Seguem em sua direção
Sem barragens, sem represas
E sem aquelas tristezas
Não há mais inundação.

Foi um jovem estudante
De um curso universitário
Da nossa UFCG
Que se mostrou solidário
Ao MAB apresentar
Para o povo aceitar
E não ficar solitário.

O Presidente veio à terra
Num palanque diferente
Com autoridades de fora
Porém, o MAB à frente
Lhe entregou um documento
Que mostrou despertamento
Para os direitos da gente.

Envergonhou o Planalto
Tamanha barbaridade
De se construir barragem
Que tira a dignidade
Cobrindo roça, casa, escola
Deixando o povo de esmola
Criou-se a Comissão da Verdade.

Página 14

A Comissão recém-criada
Era bem humanizada
Com o MPF PB à frente
E sua equipe preparada
Buscaram de antemão
Conhecer a situação
E se embrenharam na estrada.

Essa douta Comissão
Criou metas a cumprir
Também boas parcerias
Se dispôs ao povo ouvir
Recomendando aos governantes
Dê ao povo o que tinham antes
Ou o ferro vai tinir.

Foi momento de esperanças
Mas, passou tempo e meio
Com todo mundo esperando
Por solução que não veio
A Presidenta apareceu
O MAB a esclareceu
Não quero meu povo alheio.

Os dias já eram anos
Um anjo do céu chegou
Com o nome de apóstolo
Um governador enviou
Destemido feito João
Com imenso coração
Terras para nós comprou.

(contra-capa final)

Quem é o autor?

O poeta Cícero Ferreira dos Santos é autodidata. Foi alfabetizado no Projeto Minerva do MOBREAL, tendo o Prof. Raimundo Lima de Farias à frente. Deu continuidade aos estudos no Grupo Escolar Melo Leitão com as professoras Djanira Tavares e Maria de Lourdes, a quem reserva profundas saudades. Membro de uma prole numerosa de 21 irmãos e irmãs, criando-se 14. Muito cedo teve que trabalhar para auxiliar na manutenção do seu lar. A sua inserção no mundo da poesia foi com a Senhora sua mãe Maria Preta que lia os folhetos para o seu pai analfabeto. É casado com a Sra. Dinalva Diniz Santos e tem três filhos: Jaqueline, Juliana e Janiérisson.

Cícero Ferreira dos Santos é co-autor do cordel Ubiratan de Moraes: o pequeno grande orador, publicado em 2021.

Você pode entrar em contato com o autor pelo e-mail:

cicerofsantos9127@gmail.com

Dados técnicos:

Imagem da capa: Escombros da residência de Osvaldo e Marilene. Era ladeada pelas casas de Seu João Jiróime e D. Maria e de Seu Zé Félix e Dona Áurea, e à frente tinha a casa de Marisa de Amaro Freitas, todas destruídas pelas águas da Barragem de Acauã.

Arte da capa: Andrew Targino

Elaboração voluntária da equipe do Projeto de Extensão Universidade Cidadãs da UFCG

Direitos artísticos gentilmente ofertados pelo cordelista Cícero Ferreira dos Santos e pelo designer gráfico Andrew Targino

Tiragem da 1ª edição: 2.000 exemplares

Distribuição gratuita

(capa final) - Espaço para publicidade dos órgãos apoiadores (UFCG e MAB) e financiador (Governo do Estado)

Apoio



Patrocínio

Governo do Estado

Empresa Paraibana de Comunicação

Editora A UNIÃO